

# José de Alencar, Poeta

Manoel Albano Amora

Escritores existem, filhos talvez de Minerva ou de Apolo, para os quais manejar a pena é tarefa tão fácil quanto dedilhar a lira. São expoentes de uma classe superior de homens iluminados pelo sol da inteligência.

Cada verdadeiro artista é senhor do seu ofício, nele operando os milagres de um semideus. Os gênios múltiplos são raros. Um Miguel Ângelo constitui exceção quase sobrenatural na história das belas-artes.

Entre nós, no domínio das letras, Machado de Assis, romancista, contista, cronista, teatrólogo e poeta, pode ser considerado um caso quase único e difícil de repetir-se. Não será exagerada a afirmativa de que, ilustre na prosa, não menos o foi ele na poesia, de que são perenes atestados, dentre outros, o soneto "À Carolina" e o intitulado "Círculo Vicioso".

José de Alencar, outro celebrado escritor, cantor imortal da terra cearense nas páginas de *Iracema*, o romance que é na opinião de Afrânio Peixoto uma nova *Eneida*, destinado a cantar as origens brasileiras, foi também poeta. O livro da **LENDA CEARENSE** e *O Guarani* são verdadeiros poemas em prosa. Mas, ao lado dessa atitude consistente em poetizar o assunto e a forma em várias de suas produções, o grande filho do Ceará também escreveu versos. Não os fez tão bem como o romancista de *D. Casmurro*, embora haja sido algo exagerado o crítico que afirmou ser ele magnífico poeta em prosa e de flagrante prosaísmo em suas poesias.

Quando Alencar viveu e brilhou no cenário intelectual do Brasil, dominava a escola romântica, acusada depois pelos realistas de exagerada e deturpada. O clima espiritual era, então, de sonho e fantasia. O escritor nascido no agreste Alagadiço Novo construiu a sua obra segundo as normas e modelos da época.

Na vida, foi homem de sociedade. Nos primeiros tempos, solteiro ainda, era um tímido freqüentador dos salões mais afamados da Corte, onde se deixou prender pela aparência de uma beleza esquiva que ao fulgor do gênio preferiu o brilho do ouro. Casado depois com uma dama de nobre família e rara distinção, aos carinhos da esposa logo se juntou o amor dos filhos. O doce lar, situado na paradisíaca Tijuca, onde Lorde Cochrane outrora havia recordado as suas aventuras de Lobo do Mar, talvez houvesse revelado o caráter de um solitário, como foi depois considerado o romancista por alguns críticos.

Wanderley Pinho, em seu formoso livro *Salões e Damas do Segundo Reinado*, conta o namoro desventurado de José de Alencar com uma aristocrática senhorinha, que, ainda assim, preferiu um rico lusitano. Refere ele que, quando da partida da jovem para longa viagem pela Europa, o romancista, que também era dos primeiros nas lides jornalísticas da metrópole, escreveu saudososa crônica. Celebrado o casamento com o fidalgo, o homem de talento, magoado, vingou-se da ingrata em *Diva e Senhora*, tipos criados intencionalmente para a sua desforra. Também em versos procurou exercer a sua represália, versos esses conservados inéditos e só publicados pela *Revista Ilustrada*, em 1881, quando a pátria já perdera um dos seus maiores vultos.

O cronista da sociedade elegante do tempo de D. Pedro II transcreve, em comentários de sua lavra, um poemeto insultante e vingativo escrito por Alencar em face do desprezo recebido:

“Figura um par que entra na sala de baile, quando, súbitamente, um cavalheiro arranca a bela do braço do noivo e parte a valsar:

*E a arrebatada na valsa que fascina.  
Delira o pé gentil; erguida a fimbria,  
Da perna ostenta a carnação divina.*

.....

*O ritornello festivo  
Na sala a música solta:  
E o par no abraço lascivo  
Gira, passa, foge e volta.*

O noivo brada então escárnios de ódio:

*Hoje se entrega em doida valsa a dama  
Ao cavalheiro, e deste àquele passa,  
Tateia a mão profana o puro talhe,  
Como se amolda um corpo em gesso ou massa.*

.....

.....

*Mas sedutora a valsa é no abandono  
Do cansaço que os frouxos membros prostra.*

*Vêde! As cores ascendem: arfa o seio,  
O lábio freme ao hálito ofegante.  
Mole a fronte reclina: os olhos languem.  
Nerva o desejo o corpo palpitante.*

*Nunca viste render-se a castidade  
Soluçando num beijo o amor extreme?  
Não, não viste. O mistério puro e santo  
Foge o raio da luz; de ver-se teme.*

*Pois o baile o desvenda! Ei-la sem pejo.  
Da turba aos olhos ávidos se oferece.  
Ceva-se a vista ardente nos contornos  
Do talhe que em requebros transparece.*

*Cobrem rendas e sedas as formas tépidas?  
Velam sombras também o branco leito.  
O que aos olhos se oculta sente o tato  
Dos corpos que aconchega o enlace estreito.*

Finda a valsa, a dama procura o noivo. Não o vê; ouve-lhe:

*Eras luz, ficaste em treva,  
Inda botão já murchaste,  
Seca flor que o vento leva,  
No pó, no lodo roçaste.*

E afinal o poeta narra:

*Casou coa moça um rico pretendente;  
Tem do homem a figura; a alma no bolso  
Carece de mulher que represente.*

*Dizem que são felizes, acredito,  
Joga ele o voltarete, a mulher dança,  
De primeira valsista ganhou fama,  
Estrompa sete pares e não cansa,*

*A vinte namorados corresponde,  
Lembrança do passado não lhe pesa;  
Mas costume ou vaidade inda persegue  
O seu antigo amante que a despreza.*

O convívio com as beldades da época, formosas como aquela Aurélia, “estrela do céu fluminense” de um dos seus romances, havia de inevitavelmente fazer bater com mais força o coração do grande homem, nos seus anos mais felizes de rapaz. Não foi a mulher bonita e interesseira, incapaz de compreender e admirar o talento, a única a passar na sua vida. Ele, aliás, parece ter tido vários amores ou, pelo menos, inúmeras paixões, dessas que assaltam os moços e que às vezes os tornam poetas. Um publicista esquecido, escrevendo de Beaumont-sur-Blonay, disse haver extraído de velho caderno uma linda poesia de José de Alencar, certamente inspirado por outra musa e onde a alma de um sonhador transparece:

A...

*Ainda és bela! De teu lábio altivo  
Desfolha amor um lúbrico sorriso,  
Os grandes olhos negros que fascinam  
Prometem num volver o paraíso!*

*Mas que importa! Para mim és fria estátua  
Legenda triste de infeliz passado,  
Ou a sombra erradia de minha alma  
Extinta por um dia haver-te amado.*

*Pode a teus pés curvar-se o mundo inteiro,  
Podem os homens render-te vassalagem,  
Que eu contemplo de longe e sobranceiro  
De uma mulher que amei a fria imagem.*

*Talvez um dia quando já não restem  
Nem vestígios deste santo amor,  
Eu venha como os outros já sem crença  
Revelar-te os mistérios de uma dor!*

O homem depois se completava, encontrando a companhia que Deus lhe reservara e de que naturalmente tanto carecia. Um feliz casal era visto, certa vez, em um baile da Sociedade do Cassino Fluminense. "Ele alegre conduzindo pelo braço sua jovem esposa; ambos felizes e risonhos como dous moços que começavam a vida conjugal, com perspectivas de brilhante futuro." D. Georgiana, a formosa filha do Dr. Thomas Wallace da Gama Cochrane, daria a José de Alencar tudo que ainda lhe faltava, apesar do renome conquistado como escritor.

A companhia da esposa bonita e de nobres sentimentos não confirmava o adágio de que "quem ama esquece". A lembrança dos verdes tabuleiros de Messejana e de outras paisagens encontradas no caminho do Ceará à Bahia, que percorreria quando criança, fizera do romancista um apaixonado da natureza. Acompanhado de quatro criaturinhas inocentes e risonhas, ele, depois que conheceria as alegrias da paternidade,

costumava passear nas vizinhanças da chácara onde morava. Depois de um desses passeios, realizados à tarde com um sol em declínio, a sua lira vibrou, movida pela alma enfeitiçada que a tangia:

*Florzinha azul, minha Irmã,  
Ouve o que eu te peço, — sim?  
Se ela passar amanhã,  
Faz que se lembre de mim.*

*Se o pèzinho lindo e breve,  
Roçando pelo capim,  
Tocar-te, beija-o de leve,  
Pra que se lembre de mim.*

*Eu parto, te deixo aqui:  
Vive, brilha sempre assim;  
Quando ela te olhar, sorri,  
Talvez se lembre de mim.*

*Mas tudo deve acabar,  
Tudo no mundo tem fim,  
Talvez quando eu voltar,  
Já nem se lembre de mim.*

As preocupações da família, aliadas às da literatura, da política, da advocacia e do jornalismo, também não privaram Alencar dos serões de arte, onde a parte mais representativa da sociedade encontrava agradáveis momentos.

Francisco Otaviano, o admirável poeta, conseguiu tirar do olvido, publicando-os no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, os versos simples e belos que o autor de *Minas de Prata* escreveu depois de ouvir a festejada cantora italiana Lagrange:

*Toda harmonia sublime  
Tem uma tecla, uma fibra,  
Uma linguagem que a exprime,  
Corda suave que vibra.*

*Canta o poeta na lira,  
Na praia a vaga suspira,  
Gemendo soluça o vento  
Dos mares na solidão;  
Mas a ti por instrumento  
Deu-te Deus o coração.*

*Nessa harpa do sentimento  
Todas as notas são hinos,  
Transforma-se o pensamento  
Em mil poemas divinos.*

*E quando essa alma celeste  
Formas do gênio reveste,  
Há no canto um drama vivo,  
Cada som cria uma idéia,  
E com teu gesto incisivo  
Escreves uma epopéia.*

É uma poesia sentimental que, contudo, apresenta graciosas imagens, como prova de que seu autor, ouvindo a prima-dona, experimentou o convívio momentâneo de alguns deuses errantes da beleza.

Mas não só esse lirismo havia de preocupá-lo. O sentido da sua arte era mais amplo. O indianista, que na opinião geral dera o grto de independência de uma literatura, pretendia também opinar sobre os aborígenes e a poesia épica. Criticando a obra de Gonçalves de Magalhães, nas *Cartas Sobre a Confederação dos Tamoios*, prometeu oferecer um modelo de poesia indígena. Começou a escrever então *Os Filhos de Tupã*, poema heróico, que teve o defeito de não haver sido escrito em uma época caracterizada por grandes epopéias, como sobre o trabalho de Magalhães também se expressou Alexandre Herculano em missiva dirigida a D. Pedro II. Pretendia mandar imprimir e distribuir com os amigos, quando foi colhido pela morte.

O poema inacabado dá idéia do que seria o todo concebido, em gloriosos instantes de inspiração, por **aquele** talento de escol:

## OS FILHOS DE TUPÃ

### I

*Ao deserto, minh'alma! Sobre os pináculos  
Da branca penedia, e enquanto o vento  
Nos antros da montanha ulula e brame,  
Solte a rude pocema o canto fero  
Dos filhos de Tupã. E ruja a inúbia  
Troando pela várzea os sons bravios.*

### II

*Salve, Amazonas! Rei dos reis das águas,  
Iumuí dos rios, filhos do dilúvio!  
Mar, que do bojo golfas tantos mares,  
Fonte do abismo que sorveu a América,  
E mais tarde, — quem sabe? — há de sumi-la.  
Salve, Amazonas! Como o sol és único,  
Gigante, que o maior dos oceanos  
Gerou nos flancos da maior montanha!  
Monstro vorace, o mundo tragarias  
Se Deus, te sofrendo a fúria indômita,  
Não curvara em princípio o vasto Atlântico,  
E só para contar-te a imensidade.*

*És origem do líquido elemento  
Que circunda o universo? És tu que pejas  
Do pélagos sem fim as profundezas,  
Onde matam a sede o céu e a terra?  
És pai das ondas, ou tirano delas?*

*Colosso ingente, que fundiu em águas  
O verbo de um artista onipotente,  
A cabeça reclinada sobre os Andes  
Ao céu rasgando as largas cataratas;  
O dorso enorme ressuplino estendes  
Pela terra que verga com teu peso;*



*Os mil braços, que alongas pelas serras,  
Abrangem tanto espaço que outros mundos  
Couberam lnda neste mundo novo  
Feito para teu berço. Com desprezo  
Aos pés o colo esmagas do oceano,  
Que mugindo se roja pelas praias;  
Mas prostrado e vencido, não vassalo,  
O mar soberano às vezes se revolta.  
Alçada a fronte, a juba desgrenhada,  
S'eriça e raia e ruge e ronca e troa;  
E a longa, imensa cauda destorcendo,  
Te enlaça o corpo no impotente esforço.*

Em *Como e Por que Sou Romancista*, José de Alencar disse haver escrito versos quando começou a preocupar-se com as letras. Muitos foram, aliás, louvados pelo seu amigo Joaquim Sombra, herói do movimento sedicioso do Exu, a quem, anos decorridos, havia ele de nomear coronel.

As revistas e almanaques antigos certamente guardam algumas outras produções metrificadas de sua lavra, como uma singela "Ave-Maria", hoje quase esquecida:

### **A V E - M A R I A**

*Ave, Maria,  
cheia de graça!  
Em cada dia  
que vem, que passa,  
minh'alma implora  
a vós, Senhora!  
Convosco está  
sempre o Senhor,  
que o pão nos dá  
por vosso amor.  
Nossa alegria  
vós sois, Maria!  
Bendito é o fruto  
do vosso ventre.*

*Na terra eu luto;  
mas dá que eu entre  
com vossa guia  
no céu, Maria!  
Amém, Jesus,  
em vós gerado,  
morto na cruz,  
quando o pecado  
em vós remia,  
por vós, Maria!*

Qualquer, porém, que seja o valor de todos os seus versos, eles deixam crer que não houve da parte de Alencar a preocupação de ser poeta, mas somente a de aproveitar momentos de inspiração, salvo no caso do poema épico, equivalente a uma lição dada aos pretendentes ao indianismo.

Depois do "Cenário" onde se desenrola a história de Ceci e Peri e da página eterna dos "Verdes Mares Bravios"... tais versos devem aparecer como simples diversões de espírito, devidas ao homem genial a quem o trato constante com os Códigos e os Decretos não teve força para impedir a criação de uma original obra literária de que tanto se deve orgulhar o Brasil.